

Reflexões em torno do conceito de projecto em educação e na comunidade

No âmbito da IV Escola de Outono foram apresentadas as seguintes comunicações em torno do conceito de Projecto. Estes trabalhos são aqui divulgados em forma de reflexão ou de relato de experiência, quer como Trabalho de Projecto, ferramenta metodológica a implementar na Área de Projecto consignada no currículo do ensino básico, quer no âmbito mais vasto do trabalho cultural na comunidade.

O projecto como acto

MILICE RIBEIRO DOS SANTOS / ELVIRA LEITE

Nota introdutória

Estamos a recordar A Escola de Outono, realizada na ESE, em Outubro de 2001, e promovida pelo CIPEM.

Foi um prazer reflectir sobre o conceito de Trabalho de Projecto, com a participação de uma assistência vasta, professores e estudantes, sensibilizada e já com alguma prática desta metodologia. Aliás, foi a partir das sensibilidades dos presentes, sobre a matéria em estudo, que se gerou todo o corpo teórico do Trabalho de Projecto. A motivação partilhada foi geradora de entusiasmos orientados para a reflexão-acção. Neste contexto, não foi difícil clarificarmos os conteúdos caracterizadores da Metodologia de Projecto.

Desse encontro aqui deixamos resíduos, algumas ideias base, no sentido de entusiasmar outros grupos, de outros lugares para esta prática.

Sobre Trabalho de Projecto

O Trabalho de Projecto é uma das metodologias educativas que pretende a integração de diversos conteúdos: conceptuais, atitudinais, comportamentais e os éticos, nomeadamente os de cidadania.

Poderemos dizer que qualquer tema ou ideia de acção/intervenção, qualquer desejo de realização ou qualquer resposta a encontrar para um problema pode fornecer matéria de um projecto, precisamente porque nesta perspectiva está implícita a antevisão de um fim. Para se desbravar horizontes vai desenrolar-se um processo faseado em etapas pré-esboçadas e reformuláveis, que encaminham para os passos a dar até chegar ao destino desejado; é por isso um jogo de inteligência socializada que implica observar, escutar, contactar, e compreender o significado daquilo que se vê, daquilo que se ouve, de tudo o que se vai

recolhendo no contexto do projecto.

O projecto pode emergir de uma pessoa ou de uma equipa, de uma instituição ou de uma rede social. Embora possa haver um grupo que reflecte e trabalha a ideia inicial, que planifica, propõe, promove, motiva, dinamiza e investe, esse grupo envolverá métodos que estimulam a apropriação do projecto por todos os intervenientes.

O trabalho de grupo é uma das características desta prática. Em grupo, confrontam-se ideias, abrem-se perspectivas. A discussão de diferentes pareceres e concepções enriquece as aprendizagens. Em grupo, as coisas são analisadas sob diferentes ângulos, confrontadas as diferentes experiências e saberes pessoais; em grupo estimula-se e organiza-se a pesquisa. Estamos perante uma perspectiva sistémica onde a energia do grupo ultrapassa a soma das energias individuais - trabalhar em sinergia. No entanto, a energia será tanto maior quanto mais claros e desejados, por todos os membros do grupo, forem as finalidades formuladas e reformuladas para legitimar o projecto.

É evidente que se a equipa está unida à volta dos mesmos pressupostos e finalidades e empenhada no seu empreendimento e numa boa relação de trabalho, ela funcionará bem e isso vai reflectir-se na qualidade do projecto. Pelo contrário, quando o "moral" é atingido, a maior parte da energia disponível é utilizada em situações à margem da produção (processo+produto) e esta situação tende a criar mal-estar no grupo, comprometendo a possibilidade real de atingir os fins desejados.

Sendo assim, uma equipa "democrática" será, em princípio, uma equipa produtiva; nela estão implícitos: o sentido de cooperação, a capacidade de gestão de conflitos, a ideia de partilha e de negociação de propostas. As decisões consensuais são amadurecidas.

Na teia do trabalho de grupo, cada um encontrará o seu próprio lugar, o seu papel a desempenhar e as tarefas a cumprir comunicando sobre o processo de comunicação – metacomunicação. Neste espaço/tempo, a realização individual toma corpo, em equidade, na realização do grupo.

O projecto nasce, cresce e consubstancia-se graças à cumplicidade do trabalho em grupo, projectando-se numa rede social que agregará outras pessoas, entidades ou instituições, consoante os desejos, as necessidades, as conveniências e as exigências do projecto.

A coordenação é a palavra-chave. O professor terá que assumir esse papel estruturante na ancoragem dos saberes. Ele cuidará a dinâmica do trabalho em grupo para não haver dispersão, para integrar os desvios oportunos, para deixar cair os inoportunos e reorientar quando se pressente desmobilização, imprimindo o ritmo desejado.

O professor, numa perspectiva construcionista, trabalha de modo a potenciar as interações existentes entre os membros do grupo, criando novas narrativas sobre as realidades.

Os projectos são dinâmicos. Têm um tempo de concepção - formulação do projecto, recolha de dados, esboço de planificação, e outro de concretização - implementação do projecto, desenvolvendo o que foi delineado, gerindo imprevistos e ocorrências, transformando-se num processo de co-construção.

O Trabalho de Projecto propõe a pesquisa no terreno. Procura dados relevantes em fontes diversificadas no trabalho de campo; enriquece o conhecimento e a sensibilidade; promove o encontro com pessoas, lugares e materiais; dinamiza a cognição, a socialização e o desejo de aprofundar as questões. Observar a realidade aproxima o conhecimento académico à vida. O Trabalho de Projecto pressupõe a mobilização dos seus intervenientes para meter pés ao caminho.

O projecto tem um começar e um terminar sempre na perspectiva de um recomeço. O seu fim será um ritual de passagem para outras iniciativas e novas utopias reforçando e desenvolvendo aprendizagens numa acção contínua.

A dinâmica do projecto visa também a descentralização e faz da autonomia um valor, virando costas ao discurso despersonalizado. O Trabalho de Projecto faz apelo à autonomia e à inovação, valorizando a criatividade.

Uma outra característica relevante é integrar e jogar interdisciplinarmente diferentes matérias, quer transferindo em novas situações os saberes adquiridos, quer produzindo saberes pertinentes necessários ao projecto.

É com as limitações e também com os recursos existentes - conhecidos e a descobrir - que os projectos ganham forma e se realizam.

A avaliação auto-reguladora tem uma presença contínua enquanto dispositivo transversal ao processo.

Um projecto de intervenção orienta-se no sentido ecológico da qualidade de vida das pessoas, podendo estimular a convivência e a solidariedade entre elas e delas com o meio envolvente.

Projecto é desejo, é aventura, é sobretudo um espaço de criação; são ideias em plano esboçado, materializadas em sucessivos desenvolvimentos que vão decorrendo no percurso de concretização. Projecto é, portanto, *“um compromisso entre a reflexão necessária e a acção desejada”*.

Nota final

A Metodologia de Projecto referida como uma das metodologias privilegiadas na Área de Projecto, veio criar oportunidades curriculares para que ela se pratique na escola.

Alguns dados estão lançados, mas há questões estruturais que se colocam, no sentido da construção de uma escola mais de acordo com as necessidades contemporâneas, onde se aprenda para a vida pessoal e social.

Em que medida a introdução desta metodologia contribui para novas formas de ser, de estar e de aprender na escola que temos? Diremos que, apesar das dificuldades e das contradições existentes, talvez seja um contributo para se repensar a escola, para se aprender mais coisas de forma diferente, dando aos alunos o protagonismo na construção de saberes, proporcionando novas sociabilidades e possibilidades de intervenção, para uma escola mais cultural.

O acto de um projecto

INÊS MOREIRA DA SILVA

No seguimento da reflexão proposta por Elvira Leite e Milice Ribeiro dos Santos sobre o conceito de Trabalho de Projecto e partilhando da intenção de “entusiasmar outros grupos (...) para esta prática” vou fazer uma breve descrição de um projecto em que estou envolvida e que entra no presente ano lectivo na sua fase final.

“*TORNAR-SE ... através da arte*” é um Projecto Educativo Europeu no âmbito do Programa SOCRATES – Comenius Acção 1.

Nascido de uma ideia nuclear, segundo a qual todas as crianças podem aprender, este Projecto pretendeu criar um espaço de descoberta de novas formas de comunicação e expressão.

Encontradas as escolas parceiras (que o enquadramento num programa europeu exige), École Communal Vieille Montagne em Liège e Patufet Sant Jordi em Barcelona, a primeira ideia, singular, começou a ganhar corpo e a primeira equipa, formada pelos três coordenadores (um de cada país) encontrou a “alma” necessária para a sua implementação.

Definiu-se então que “*TORNAR-SE ... através da arte*” era um projecto interdiscipli-

nar, intercultural e de desenvolvimento pessoal e social em que cada criança podia descobrir (pelo menos) uma forma de comunicação, a sua, apercebendo-se, ao mesmo tempo, que os seus colegas podiam descobrir outras, as deles, aprendendo a aceitá-las e a compreendê-las. Era intenção clara desta equipa facilitar uma caminhada em direcção à Cidadania, à Responsabilidade, à Solidariedade e à Tolerância ... *através da arte*.

Bem definidas as intenções passou-se ao passo seguinte, o envolvimento de uma equipa de professores e técnicos de educação em cada uma das escolas que iniciasse a implementação do Projecto com os respectivos alunos. Surgiu então a ideia da execução de um trabalho colectivo que implicasse todas as crianças e que estimulasse, por um lado, a comunicação entre elas e, por outro, facilitasse uma melhor apropriação do Projecto. Foi assim que surgiu no final do 1º ano o livro “Histórias que voam”, um livro que contém 5 histórias construídas colectivamente e traduzidas nas 5 línguas existentes nestes três países – Castelhana, Catalão, Francês, Português e Valão (esta última em extinção).

No final do 1º ano de trabalho, era clara a alegria e o orgulho de ter “o nosso” livro nas mãos (todos os alunos participantes receberam um exemplar), não sem sentir também um certo desânimo em relação a algumas “impotências ocasionais” e também alguns receios com o futuro. As expectativas criadas eram muitas, a equipa alargava-se e agora a palavra das crianças tinha um novo sentido. Elas queriam fazer “mais coisas” iguais ou melhores que a primeira.

Partimos então para uma nova proposta de trabalho colectivo “Eu, a Minha Escola, a Minha Cidade” que pretendia facilitar o conhecimento recíproco dos alunos, das suas escolas e das suas cidades. Era um trabalho enquadrado mas muito livre, permitindo a cada grupo de alunos uma participação imaginada por si mas que devia ser entendida por todos, sabendo-se à partida que nenhum grupo falava a mesma língua.

Assim surgiram, ao longo deste 2º ano, trabalhos variadíssimos desde o desenho à pintura e fotografia, colagens, vídeos, “data shows”, cerâmica, painéis de azulejo, composições musicais ... enfim foram encontradas mil e uma maneiras de comunicação e de entendimento.

O 3º e último ano do Projecto que agora se inicia, vai contemplar a realização de uma espécie de “Exposição Itinerante pela Europa”, isto é, pelas três escolas – Barcelona, Liège e Porto – na qual os alunos terão uma intervenção privilegiada na apresentação dos seus trabalhos. Apesar do desenvolvimento de um projecto como este necessitar forçosamente de um enquadramento legal e financeiro, (que existe e pode ser utilizado por qualquer

professor que se candidate) foi imprescindível a disponibilidade, o envolvimento e o entusiasmo de cada um dos intervenientes, ao mesmo tempo que se tornou também imprescindível a aprendizagem da gestão desses mesmos entusiasmos.

“WOZZECK”

SUZANA RALHA

O projecto consistiu na realização da ópera “Wozzeck” de Alban Berg, pela Birmingham Opera Company com a participação efectiva de cerca de 100 elementos encontrados entre populações tradicionalmente afastadas deste tipo de produções artísticas, profissionais e sofisticadas.

O móbil

A Birmingham Opera Company é uma companhia profissional de ópera que desenvolve projectos artísticos não convencionais. As encenações de Graham Vick e a orientação artística da companhia têm resultado em espectáculos operáticos em que, à grande qualidade de performance se associam conceitos quase subversivos sobre a papel da ópera nos nossos dias. A inclusão nos seus elencos de grupos amadores, permite à companhia um enunciado artístico e educativo de grande complexidade e competência.

É nesta qualidade que é convidada pela programação da Casa da Música para realização da ópera “Wozzeck”, neste caso com intervenção de participantes do Porto. O objectivo foi, neste caso, a inclusão, não de grupos amadores conforme o trabalho efectuado com esta mesma ópera em Inglaterra, mas de um grupo constituído por moradores de bairros sociais, com vivência efectiva de exclusão de eventos artísticos desta natureza, com situação socialmente diagnosticada de carência. O contacto é estabelecido com a freguesia de Aldoar, onde existem dois bairros sociais, o de Aldoar e de Fonte da Moura, com uma imagem pública de sobrevivência carenciada, delitiva e conflitual.

O pretexto

O Departamento Educativo entendeu que a constituição deste grupo participante poderia e deveria exceder o objectivo único do trabalho com a equipe inglesa. O pretexto constituído por este projecto justificava uma acção mais continuada e exigente que alargasse o envolvimento e o ganho artístico da comunidade.

Se a noção de tempo é fundamental num projecto artístico, ela é imprescindível

quando a ele se associa um outro, educativo. Com vários meses de antecedência é destacada uma equipe para o local, com o objectivo primeiro de apresentar o projecto e angariar para ele voluntários e curiosos, com o objectivo mais amplo de, através do projecto, introduzir uma experiência artística diversa na comunidade e promover com ela outras capacidades de estar.

A freguesia conta com um número significativo de técnicos de serviços humanos (psicólogos, educadores, professores, auxiliares, assistentes sociais e outros), integrados em diversas instituições que prestam assistência múltipla a uma população onde a toxicodependência, o desemprego, o analfabetismo, o baixo nível de escolarização, a precariedade sanitária e de saúde, a fragilidade de meios de habitação e de sobrevivência, são questões quotidianas.

A proposta de participação na ópera foi igualmente alargada a estes técnicos, constituindo uma oportunidade singular de partilha com a população, a partir de um ponto de acção bem distinto do habitualmente exercido.

A inclusão da arte pode ser uma das estratégias possíveis em meios em que os problemas se multiplicam e a procura de pontes é permanente. O contributo deste trabalho para os técnicos poderia ser inestimável, colocando novas questões sobre como fazer e o que fazer.

Concretizar

Diversas propostas foram sendo apresentadas tendo sempre presentes dois aspectos fundamentais: a aproximação mais alargada e mais efectiva a um maior número de pessoas da população e o seu valor enquanto propostas artisticamente exigentes. Levar a ópera de Berg para Aldoar significava compreender o que Aldoar fazia em cada momento com ela.

As inúmeras vezes em que a história do soldado foi contada e discutida, as diversas formas por que os personagens e os seus dramas andaram de boca em boca, com interpretações, juízos e opiniões, as roupas que se costuraram para cada um, os textos que se escreveram, o Carnaval e as marchas populares em que foram incluídos, a música que se ouviu, as conversas individuais e colectivas que se multiplicaram, foram os caminhos de um percurso lento em que “Wozzeck” habitou os bairros.

Os documentários em vídeo produzidos por duas estações de televisão relatam satisfatoriamente estes meses (um deles visionado na sessão da Escola de Outono).

No momento de receber a equipe artística da Birmingham o grupo estava constituído, entusiasmado e mobilizado para um trabalho que entendia ser já um pouco seu. Depois de

10 dias de intensivos ensaios a ópera estreou na antiga Central Eléctrica do Freixo, onde uma assistência de Aldoar pode ver os seus vizinhos, pais, avós e amigos a contracenar com convicção e qualidade, junto de uma das grandes companhias de ópera actuais. Contavam uma história que todos conheciam. “Para a próxima, vou eu”, comentaram muitos dos que acompanharam o processo sem se envolverem directamente nele.

E a cidade, a outra cidade também esteve lá, e aplaudiu o trabalho conjunto, e gostou.

Avaliar

Os que participaram responderem unanimemente e por escrito que gostariam de voltar a participar num evento desta natureza, por duas principais razões: terem gostado muito e acharem que mereciam.

Aparentemente, os primeiros desígnios de um projecto deste tipo estavam cumpridos. A participação do grupo revestiu-se de qualidade e do empenho de que ela necessita, da experiência resultaram testemunhos orais e escritos do grande prazer e bem estar que a experiência permitiu.

Depois de “Wozzeck” mantiveram-se os encontros e os projectos. Manifestaram-se os desejos a partir dos quais o grupo foi assistir a diversos espectáculos na cidade, desde a ópera ao teatro. Organizaram-se concertos nos bairros, em que músicos de qualidade reconhecida foram convidados a participar, em que a cidade, para os ver e ouvir, teve que ultrapassar as estreitas fronteiras urbanas em que se move. Actualmente inicia-se um novo trabalho, de que resultará um espectáculo musical original, criado de raiz com uma equipe pluridisciplinar, contactada pela Casa da Música para o efeito.

Para além do avaliar

Num projecto deste tipo, em que as estratégias de trabalho se procuram cada dia, as maneiras de estar diversificam-se e parece útil olhar um pouco mais à lupa, as alterações mais ou menos assumidas das práticas. As capacidades de adaptação a cada etapa oscilam e permitem levantar novas questões. Importa talvez dar conta de algumas das situações em que surgiram pontos de vista contraditórios e em que, sobretudo da parte dos técnicos, as leituras foram divergentes.

O grupo constituído pela população, não é exactamente um grupo. Trata-se de um conjunto bastante grande de pessoas, de idades entre os 14 e os 80 anos, maioritariamente oriundos dos dois bairros, mas também de jovens da escola local pertencentes a um grupo socialmente mais favorecido. Não é fácil encontrar pretextos em que todos estes

intervenientes se encontrem, e muito menos em que devam fazer em conjunto qualquer actividade. O desconhecimento dos outros é grande e a alteração deste ponto de partida não é, pelo menos inicialmente, bem aceite.

Com facilidade as pessoas recusam ter que se deslocar a locais da freguesia que não são da sua habitual utilização. Esta indisponibilidade acentua-se se se tratar de frequentar um espaço que está à partida associado a um grupo específico. Sede de colectividade, instituição local ou qualquer ponto do bairro, foram locais com motivos de objecções frequentemente referidas para a realização de qualquer actividade.

Por outro lado, a comunidade está muito fracturada, dividida em cada momento por pequenos episódios e histórias do passado que saltam como justificações múltiplas para a dificuldade no trabalho em conjunto. As pessoas parecem excessivamente susceptíveis e capazes de valorizar o que consideram ofensa, em detrimento de todo o contexto colectivo.

A dificuldade em cumprir um horário, estabelecer um compromisso ou manter uma regularidade de comportamento, foram evidentes desde o início.

Também desde o início a equipe responsável pelo projecto adoptou sempre estratégias que não exigissem das pessoas capacidades de adaptação violentas, discutiu-as com os participantes e não flexibilizou o seu cumprimento. Explicar, ouvir, atender, cumprir e exigir foram desde sempre atitudes fundamentais.

Com o desenvolvimento das actividades e o maior envolvimento das pessoas em cada uma delas, foi sendo mais fácil a cada um a aceitação de posturas e regras colectivas. As críticas e as observações foram-se revestindo do contributo positivo que têm em qualquer trabalho. A resistência do grupo às pequenas contrariedades aumentou, as opções colectivas cresceram em detrimento da satisfação da vontade individual, tantas vezes imediata.

A atitude colectiva também se alterava. As pessoas tornavam-se mais autónomas, participativas, expunham pontos de vista diferentes e construía os seus argumentos para que o trabalho contasse efectivamente com as suas sugestões. Também o capricho foi sendo substituído pela crítica e a capacidade de trabalho melhorou significativamente. O grupo parecia mais confiante e suscitava mais confiança.

Nos momentos em que se tornam claras as dificuldades de integração neste tipo de exigência, o contacto com os técnicos obrigou a acções mais concertadas e com partilha de objectivos. Foi surpreendente a diversidade de respostas que obtivemos quanto a estes apelos.

Alguns técnicos assumiram o seu papel relacional com as populações que atendem e utilizaram-no como contribuições para estas aprendizagens de partilha e aceitação do outro.

Foram eles próprios bons exemplos, alterando alguns dos seus próprios papeis habituais. Partilharam os transportes, as refeições, as tarefas e as conversas. Destruíram a imagem de autoridade que têm, a partir do momento em que conseguiram colocar-se e sentir-se ao mesmo nível que toda a gente, frente a um projecto que desconheciam e cujos meandros iriam experimentar, também eles pela primeira vez. Conseguiram, como as pessoas da comunidade, valorizar cada etapa e atribuir-lhe o valor de gratificação que resulta fundamental para a aprendizagem. Aproveitaram cada situação problemática colateral para darem corpo e substância às preocupações educativas que têm no seu dia a dia.

Contudo, outros ficaram muito aquém desta postura. A relação de assistência a esta população, tantas vezes sentida por ela com carácter sobrevivencial, dá a alguns técnicos a oportunidade do estabelecimento de relações autoritárias e uma consciência da sua acção que nada tem de educativo. A adopção de relações de submissão e de poder tornam-nos incapazes de aproveitar um projecto como este para repensar as suas obrigações profissionais. Ao movimento emancipador que se desenvolvia nas pessoas responderam com agasto, distanciamento, falta de empenho na discussão do valor do que se passava. Contra a opinião de colegas de profissão e a propósito da necessidade de contacto físico exigida pela encenação, alguns técnicos assumem a incapacidade de contracenar com a população, em prol da manutenção de “distância” entre técnicos e utentes, condições de exercício profissional tida por aqueles como injustificável. Contudo, esta posição manteve-se inalterável até ao fim. A partilha foi sendo mais difícil tornando-se raro ver estes profissionais junto do grupo nos espaços e regras comuns. A tendência para a fractura e a valorização do que desune tão presente na população, sendo uma constante do discurso técnico, não parece ser efectivamente para estes uma preocupação. Frequentes vezes assumem posturas que incentivam a desunião e a dificuldade em aceitar a diferença, quando não são eles próprios os agentes de iniciativas sectárias.

O ditado “dividir para reinar” ocorre. O que acontece com o educador quando o educando se educa, é questão que surge. A cidadania, o combate à pobreza, a elevação do nível de vida podem ser objectivos servidos por estratégias de poder tão desvalorizadoras das pessoas a quem se destinam, pela incorporação de tantas distâncias e fracturas? A má qualidade das propostas e das práticas ditas artísticas que acontecem em abundância nestes locais, fica a dever-se a algum tipo de impreparação dos técnicos? A consciência disso e a manutenção deste estado de coisas é então, assustadoramente deliberada.

O projecto em Aldoar confirmou a muitos dos envolvidos, sejam eles a população, os

técnicos que o aproveitaram ou a equipe responsável pela sua proposta e concretização, que a arte promove um ponto de partida igualitário e um percurso individual e colectivo libertador. Vários técnicos de Aldoar investiram depois de “Wozzeck” muitas horas de formação para continuar este trabalho, frequentando mesmo oficinas musicais de especialidade. Um deles observou “Só agora, que estou em contacto com uma área que me é tão distante, percebo como devem sentir-se os utentes. Como é difícil aprender novas linguagens e como isso nos faz falta!”